



D. Afonso V
REAL GROSSO
1438 | 1481

2016

ÍNDICE

Introdução	3
Real Grosso	4
Anverso	5
Reverso	9
Real Grosso (Castela e Leão)	13
Anverso	15
Cruz Ordem de Avis	17
Flor de Lis	18
Reverso	21
Real Grosso (Castela e Leão) falso	27
Real Grosso falso	29
Considerações finais	33

D. Afonso V (1432-1481) herdou, com apenas seis anos de idade, um reino ainda a adaptar-se a um mundo novo. A regência do reino foi assumida pela sua mãe, D. Leonor de Aragão, e pelo seu tio D. Pedro, Duque de Coimbra. Em 1446, com apenas 16 anos de idade, D. Afonso V assumiu o reinado, anulando os editais aprovados durante a regência, e declarou D. Pedro inimigo do reino, derrotando-o na batalha de Alfarrobeira. Portugal sofria de lutas internas pelo poder e de uma economia debilitada e com elevadas taxas de inflação.

D. Afonso V cedo assumiu a aventura herdada do seu avô (D. João I) e do seu pai (D. Duarte) na conquista do norte de África, que lhe valeu o cognome de O Africano. D. Afonso V sonhava com um Portugal que não cabia nas suas fronteiras e, para além da conquista do norte de África, declarou-se rei de Castela e Leão e invadiu o reino vizinho. Na disputa pela herança da coroa de Castela e Leão, D. Afonso V reclamou o direito ao trono de Castela e Leão por casamento com D. Joana, filha do Rei de Castela, D. Henrique IV. Em 1476, D. Afonso V foi derrotado na praça de Toro, esfumando-se a sua pretensão à união dos dois reinos. Uma aventura longe de ser bem-sucedida, que resultou na sua doença e no abdicar do trono para o seu filho D. João II.

No que interessa a este estudo – a numária medieval portuguesa – o reinado de D. Afonso V é um reinado absolutamente brilhante com a reestruturação do sistema monetário e, simultaneamente, a criação de moedas icónicas que abrilhantam qualquer coleção. São exemplos, o Ceitil, o Cotrim, o Espadim, o Chinfrão, o Real Grosso, o Escudo e o Cruzado. Note-se ainda que algumas destas designações, ainda que com outros valores intrínsecos, perduraram nos séculos.

O nosso estudo centra-se no Real Grosso para Portugal e no Real Grosso para Castela e Leão.

Desconhece-se a data de criação do Real Grosso para Portugal, sendo que a documentação conhecida aponta para que tenha sido criado em 1463 com o intuito de colmatar a escassez de uma moeda forte de prata (Marques 1996). O Real Grosso para Castela e Leão terá sido ordenado em 1475. Também o valor nominal do Real Grosso é incerto. Aragão (1875) aponta para uma valorização de vinte reais brancos. Marques (1996) atenta às várias flutuações do valor da prata e ventila a hipótese do seu valor nominal ter variado entre o valor inicialmente atribuído de 24 reais e o de 33 reais que lhe foi atribuído aquando da sua desmonetização em data incerta, mas possivelmente posterior a 1482, aquando da desvalorização do Chinfrão de 12 reais e de outros espécimes, como o Cotrim e o próprio Ceitil. De realçar que chinfrado significa precisamente adelgado, por oposição a grosso. O Real Grosso foi sempre cunhado em prata boa de 11 dinheiros (916,6 milésimas).

O Real Grosso para Portugal e o Real Grosso para Castela e Leão são moedas históricas com uma forte carga simbólica, em particular o Real Grosso para Castela e Leão que carrega em si a grandeza de uma pretensão ibérica. São moedas que representam o sonho de qualquer colecionador, alcançando sempre valores elevados em leilão.

D. Afonso V REAL GROSSO

O Real Grosso para Portugal foi batido nas casas da moeda de Lisboa(L) e Porto(P), sendo a sua tipologia em tudo idêntica, excetuando a letra monetária que representa cada um dos locais de cunhagem. O estilo quer do anverso quer do reverso é bastante homogêneo, sendo as variações existentes quase todas ao nível das legendas.

O anverso apresenta dois elementos principais, em adição à legenda. O primeiro uma coroa curva floreada de grandes dimensões, com três florões e duas pontas ornamentadas com arruelas. O segundo elemento caracterizador é o nome do monarca escrito de forma abreviada sob a sigla ALFQ (Alfonsvs Quinti). O anverso apresenta ainda a letra monetária, sempre abaixo do nome do monarca. As moedas batidas em Lisboa podem ainda apresentar no anverso arruelas e/ou pontos em locais vários. Normalmente, arruelas a ladear o nome do monarca e o ponto junto à letra monetária, sendo conhecidos exemplares sem qualquer destes elementos ou com combinações várias. No que respeita às moedas lavradas no Porto, não se conhecem exemplares com qualquer um destes elementos no anverso.

O reverso apresenta cinco quinas em forma de cruz, cada com cinco besantes em aspa, dentro de um arco lobado (tetralobo) com arruelas nas epíclides e no exterior de cada vértice.

Ambas as faces da moeda apresentam, entre circunferências ponteadas ou lisas, legendas de leitura orientada no sentido horário. As legendas são uniformes na mensagem ainda que possam variar na grafia ou na posição dos símbolos de abertura ou de separação de legenda, podendo aparecer trocadas entre o anverso e o reverso. Conhecem-se as seguintes legendas sem atender às diferenças no grafismo e apresentação das mesmas.

ALFONSVS QVINTI REGIS PORTVGAL (Afonso V Rei de Portugal)

ALFQ REIS PORTUGALI EM AFRICA (Afonso V Rei de Portugal e África)

ADIVTORIVM NOSTRVM IN NOMINE (O Nosso Auxílio Está No Nome Do Senhor)

ADIUTORIUM DONS QUI FECI CELUM ET (O Nosso Auxílio Está No Senhor Que Fez o Céu e a Terra)

anverso



+ ADIVTORIVM: nOSTRVM :
In: nOMIn€

elementos principais



coroa e abreviatura do nome do rei



coroa



abreviatura
do nome do rei

outros elementos



aneletes



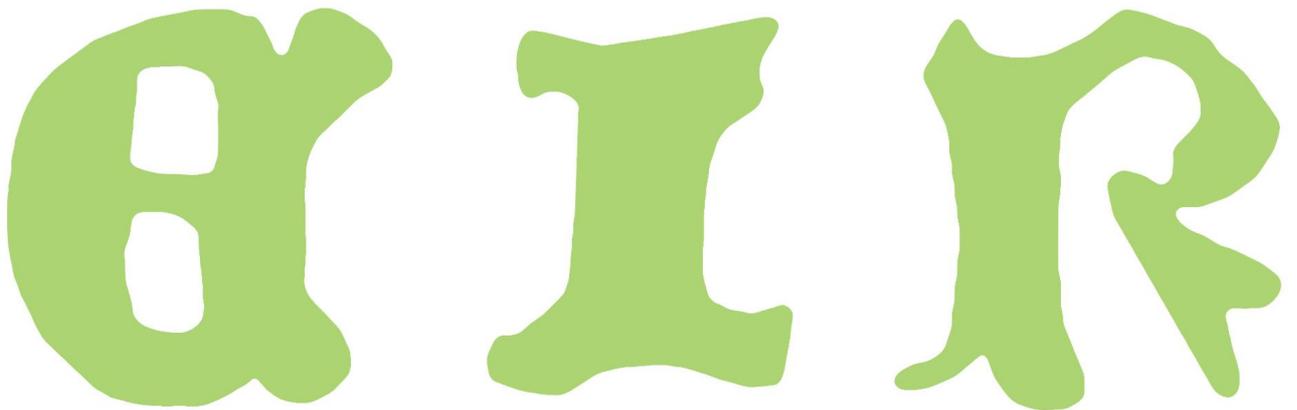
letra monetária



letra n

letra M

letra A



letra E

letra l

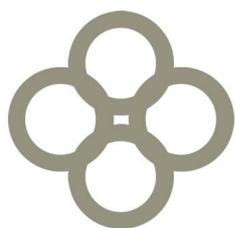
letra R

reverso



+ ALFOnSVS : QVInTI :
REGIS : PORTVS

elementos reverso



direção das quinas



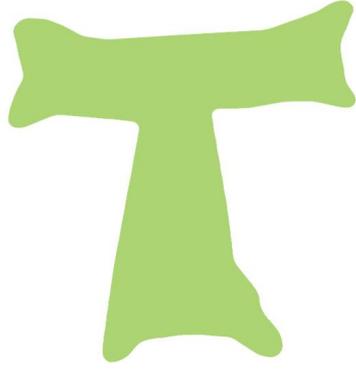
geometria



aneletes



quinas



letra P

letra T

letra G



letra V

letra L

letra O

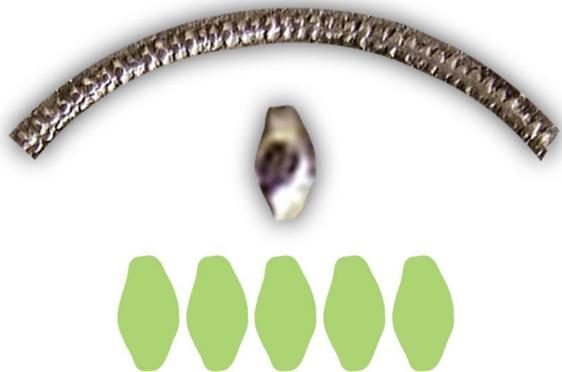
circunferências | punções



anverso



reverso



D. Afonso V

REAL GROSSO

Castela e Leão

Carregado de história e simbolismo singulares, o Real Grosso para Castela e Leão apresenta um estilo substancialmente diferente e variado. As moedas ostentam símbolos de Portugal e Castela e Leão em faces opostas.

O anverso apresenta um Escudo de grandes dimensões em que se destacam dois elementos. A bordadura que inclui um número variado de castelos (normalmente 10, mas são conhecidos exemplares com 4, 6, 8 ou 12 castelos) e quatro flor de lis a separar os quadrantes. O segundo elemento de destaque no escudo é o seu centro, que apresenta cinco quinas em forma de cruz, cada com cinco besantes em aspa. O escudo é ladeado por pontos ou arruelas de estilo variado e, normalmente, encimado por um ponto, uma arruela, uma vez mais de estilo variado, ou uma letra monetária, ladeada ou não por pontos ou arruelas.

O reverso apresenta as armas de Castela e Leão (dois castelos e dois leões) dentro de um escudo ou apostas diretamente no campo, apresentados em quadrantes alternados, com os castelos a serem apresentados nos quadrantes pares e os leões nos quadrantes ímpares. Existem variantes quanto à disposição destes elementos (apenas na variante sem escudo no reverso) e o estilo dos castelos e dos leões também é variado. O escudo pode aparecer ladeado por pontos ou arruelas de estilo variado e encimado por uma letra monetária ou um símbolo, ladeado ou não por arruelas. São ainda conhecidos exemplares em que, quer no anverso quer no reverso, os escudos são rodeados por moldura de oito arcos.

Tal como o Real Grosso Portugal, ambas as faces da moeda apresentam, entre circunferências ponteadas ou lisas, legendas de leitura orientada no sentido horário. As legendas são repetidas no anverso e reverso e uniformes na mensagem ainda que possam variar na grafia ou na posição dos símbolos de abertura ou de separação de legenda. **ALFONSVS DEI GRATIA REX CASTELE ET LEONEES** (Afonso Rei de Castela Pela Graça de Deus) é a legenda mais comum, existindo, no entanto, exemplares com a legenda **AQ E IOHANA RX E REGA CAS FECI P** (Afonso V e Joana Rei e Rainha de Castela e Portugal). É conhecido um exemplar pertencente à coleção do Banco de Portugal (Gomes, 2006) com a enigmática legenda **A 3 SI POR GENTES Q ELA VOLVNT**, sendo que também o estilo da moeda é muito diferenciado dos restantes exemplares conhecidos.

O local de cunhagem destas moedas é objeto de aceso debate. São aventadas diversas hipóteses, designadamente Lisboa, Porto, Tui e Toro. A confusão é reforçada pela variedade de letras e símbolos monetários (L, P, C, T e cabeça de um touro), que podem aparecer em diferentes combinações em ambas as faces das moedas, sendo ainda conhecidos exemplares sem qualquer destes símbolos. Reis (1933) defende a hipóteses de um único local de cunhagem – Toro. Parece-nos no entanto que esta hipótese é assente mais em suposições do que em deduções e Marques (1996) desenvolve uma sólida crítica a esta hipótese. Marques et al. (1985) aponta diversos locais de cunhagem, mais especificamente Lisboa, Porto, Tui e Toro assim como em oficina itinerante, por hipótese, a responsável pela cunhagem das moedas em que as armas de Castela e Leão são apresentadas diretamente no campo da moeda. O símbolo monetário no anverso indicaria o local de cunhagem (P – Porto, T – Tui, cabeça de touro – Toro e Lisboa sem símbolo). No reverso, o símbolo monetário indicaria o destino da cunhagem (L – Lisboa, P – Porto, T – Tui e cabeça de touro – Toro). Confessamos também estranhar esta combinação de simbologias, podendo aparecer moedas com as seguintes combinações (anverso/reverso): O/L, O/a, P/a, P/P, P/T, T/T, O/O, /O, O/Touro e Touro/Touro. Assumindo que O e a não são símbolos identificadores de local, teremos moedas cunhadas em

Lisboa para circular em Lisboa e Toro, moedas cunhadas no Porto para circular no Porto e Tui, moedas cunhadas em Tui para circular em Tui e moedas cunhadas em Toro para circular em Toro.

Ou de outra forma, as moedas que circulavam em Lisboa foram todas cunhadas em Lisboa e no Porto, as moedas que circulavam no Porto haviam sido cunhadas no Porto, as moedas que circulavam em Tui foram batidas em Porto e Tui e, finalmente, as moedas que circulavam em Toro foram cunhadas em Lisboa e Toro. Confessamos alguma apreensão com esta leitura, mas não é nosso propósito continuar aqui esse debate



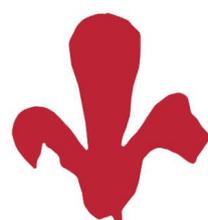
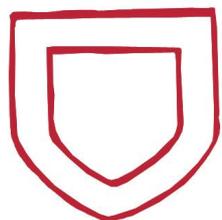
Guerra de sucessão de Castela
Batalha de Toro, 1 de Março de 1476
Pormenor de "**Feito heróico de Duarte de Almeida, o Decegado**"
litografia, séc. XIX

anverso



+ ALFOnSVS : D€I : GRala :
R€X : CAST€L€

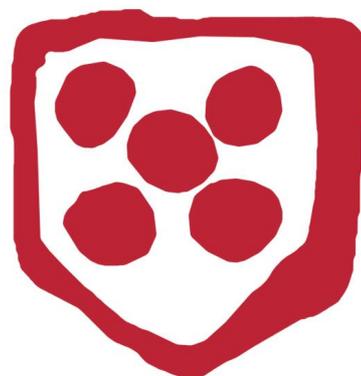
elementos (face portuguesa)



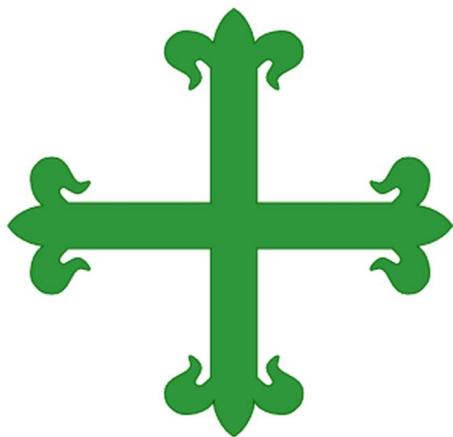
escudo



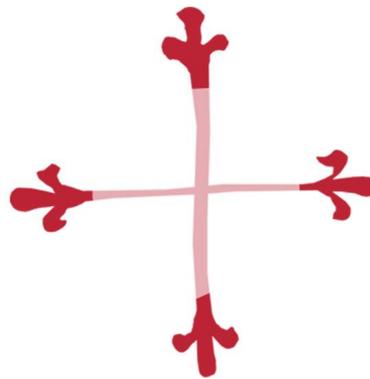
castelo



escudete



Cruz da Ordem de Avis

Cruz da Ordem de Avis
sob o escudo da moeda
em estudo

A Milícia de Évora, a Ordem de São Bento de Avis ou, como usualmente a conhecemos, Ordem de Avis foi uma ordem militar de cavalaria portuguesa.

Embora se considere que esta ordem teve origem em Castela (Ordem de Calatrava), a verdade é que muitos historiadores afirmam que a sua criação teve origem em Portugal e que se deve precisamente a D. Afonso Henriques. A falta de documentação ajuda na tese Castelhana.

Fundada possivelmente em 1175 tinha como finalidade assegurar a defesa de Évora aos mouros. O seu *símbolo* era reconhecido por uma *crux grega* base, verde (apenas no caso português), com os quatro "braços" a terminar em flor de lis.

Estava submetida às regras beneditinas e por isso, posteriormente, o nome São Bento ficar associado ao nome da ordem. Segundo alguns documentos, o primeiro Mestre terá sido D. Pedro Afonso - filho ilegítimo de D. Afonso Henriques.

O nome de Avis é posterior à sua fundação, depois da ordem portuguesa ter-se submetido ao jugo de Castela, mais precisamente à Ordem de Calatrava e depois dos freires de Évora se mudarem para Avis. Uma obediência que só acabaria no reinado de D. Dinis.

É no entanto D. João, filho ilegítimo de D. Pedro I com a galega Teresa Lourenço (?) - futuro D. João I - que marca o momento maior da ordem quando é designado Mestre de Avis, subindo ao trono e dando nome à dinastia com o mesmo nome.

Apesar da sua extinção em 1910, com a implantação da República, a então designada Real Ordem de São Bento de Avis resurge em 1917 para homenagear os combatentes portugueses da Primeira Grande Guerra, denominação que ainda hoje perdura como "Ordem Militar de Avis".

flor de lis

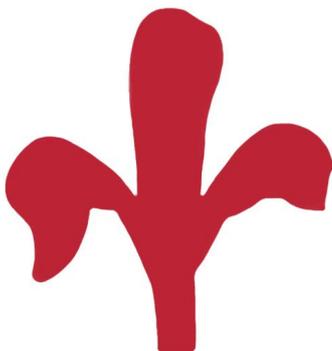
A Flor de Lis é, consensualmente, a representação estilizada do lírio. Lis significa lírio na língua francesa e é símbolo de lealdade, honra, poder e soberania mas também de pureza do corpo e da alma.

Para alguns estudiosos a inspiração para a flor de lis "francesa" teve origem na flor de lótus do Egito. Há quem defenda que foi inspirada na alabarda - um ferro de três pontas usado pelos soldados nos fossos ou covas para espetar os inimigos. Outra possível origem é a de que seja uma cópia do desenho estampado em antigas moedas assírias e muçulmanas.

No que diz respeito à heráldica, a flor de lis é um dos elementos mais representativos, juntamente com a águia, o leão, e a cruz.

Luís VIII de França terá sido o primeiro monarca a utilizar a flor de lis como símbolo real, inicialmente num sinete. A sua utilização generalizou-se rapidamente ao brasão e escudo.

Posteriormente este elemento foi usado pela maçonaria, alquimia, religião, etc.



flor de lis presente sob o escudo do real grosso



outros elementos (face portuguesa)



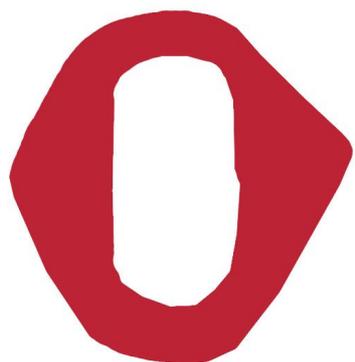
cruz grega
marcador de início da legenda



separador da legenda
(dois pontos)



anelete
à esquerda, direita e
em cima do escudo



letra O

letra V

letra D



letra E

letra I

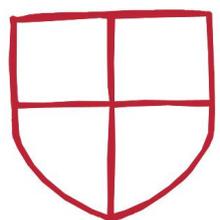
letra G

reverso

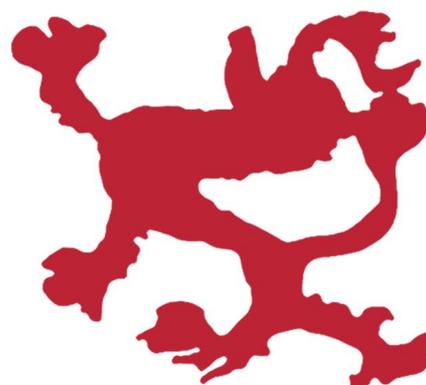


+ ALFOnSVS : DEI : GRala :
REGIS : CASTEL

elementos (face castela)



escudo



castelo

leão

outros elementos (face castela e leão)



cruz grega
marcador de início da legenda

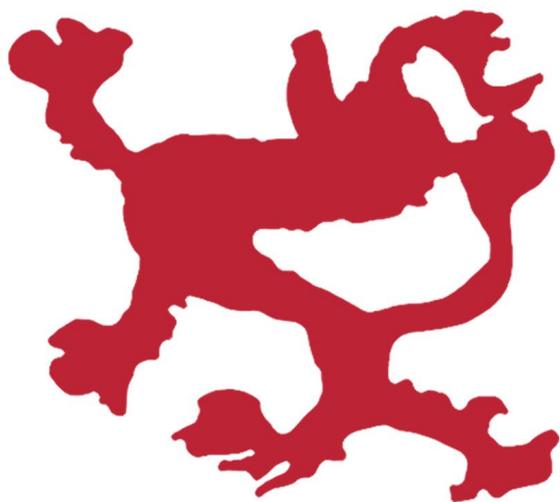


separador da legenda
(dois pontos)



letra monetária
Lisboa

castela e leão



leão medieval
(moeda séc. XV)



leão contemporâneo
(bandeira espanhola)

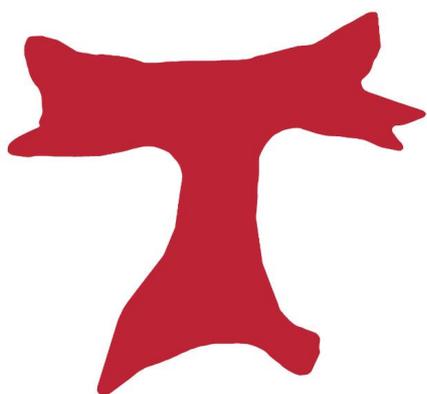




letra A

letra G

letra R



letra T

letra L

letra S

circunferências | punções



face portuguesa



face castela e leão



real grosso (castela e leão) falso

comparação de elementos



elementos certos

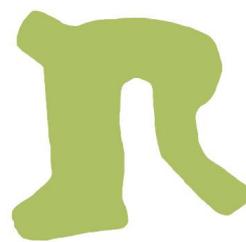
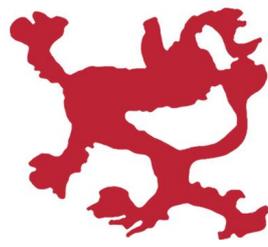
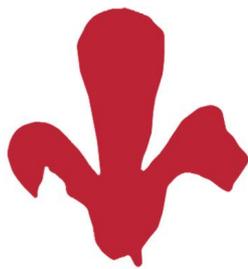


elementos errados



elementos certos

elementos errados



real grosso falso

exemplares com o mesmo cunho

anverso



exemplar 1



exemplar 2



SOBREPOSIÇÃO
exemplar 1 + exemplar 2



exemplar 1



exemplar 2



Conforme se verifica, existe uma coincidência total na coroa, abreviatura do rei, aneletes, caracteres (forma, tamanho e distâncias), sobreposições, falhas/erros e deformações.

real grosso falso

exemplares com o mesmo cunho

reverso



exemplar 1



exemplar 2



SOBREPOSIÇÃO
exemplar 1 + exemplar 2

comparação de alguns elementos

elementos certos



abreviatura ALFO

elementos errados



abreviatura ALFO



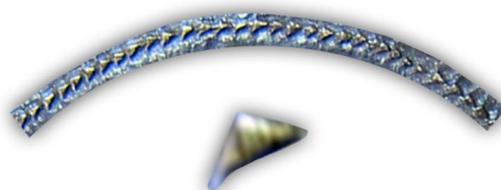
carateres | exemplo letra M



carateres | exemplo letra M



punções



punções

Considerações finais

O Real Grosso é, por variadas razões, uma moeda icónica. O momento ímpar na história de Portugal, a pretensão ao reino vizinho, o início da conquista do mundo, o contexto social do reinado de D. Afonso V, toda a discussão em torno dos locais de cunhagem e a própria raridade deste numisma, colocam-no num pedestal de destaque em qualquer coleção.

O Real Grosso para Portugal é uma moeda muito consistente em termos estilísticos, com variantes essencialmente ao nível da legenda e da localização e estilo de alguns elementos, designadamente os aneletes.

No caso do Real Grosso para Castela e Leão, as variantes são em muito maior número. Não sendo discernível uma classificação lógica que sustente um número tão elevado de variantes (nível do estilo do reverso da moeda, número de castelos, legenda, símbolos monetários, a existência de elementos a emoldurar o escudo do reverso, legendas, ordem dos castelos e dos leões, etc.). Mesmo ao nível da qualidade gráfica dos elementos nota-se uma enorme variação. A estranheza perante tanta variante é agravada quando se considera o facto do período de cunhagem do Real Grosso para Castela e Leão ter sido muito curto, admitimos 4 a 5 anos. Sem qualquer pretensão de aqui validar ou não a sua autenticidade, estão listadas aproximadamente 30 variantes desta moeda.

Local de cunhagem

O local de cunhagem do Real Grosso é um dos grandes enigmas da numismática portuguesa. Apesar do nosso estudo não se ter debruçado em específico sobre este assunto, não nos sentimos confortáveis com nenhuma das possibilidades apresentadas. Pecam todas por extrema complexidade que seria, em nossa opinião, impraticável na idade média. Não se afigura simples uma hipótese que consiga abarcar todas as variantes e símbolos monetários conhecidos. Pelo que nos resta olhar com extrema suspeição para as hipóteses vigentes e esperar que novos estudos ou nova documentação façam luz sobre este tema.

Falsas

A raridade, que se traduz num elevado valor de mercado, torna o Real Grosso uma moeda muito apetecível para a falsificação, tendo surgido no mercado vários exemplares falsos com várias características em comum. Na realidade, aventamos a possibilidade de ter havido vários agentes a falsificar esta moedas ou o mesmo agente ter feito várias variantes. Uma análise cuidada à luz das especificidades que caracterizam a cunhagem manual permite com relativa facilidade distinguir o lixo.

Um problema mais complicado de analisar e a que já aludimos, prende-se com as inúmeras variantes que existem do Real Grosso. Apesar de ser uma moeda de tipologia bastante homogénea, existem várias variantes quanto a diversos elementos da moeda e algumas das quais fogem ao estilo pelo que devem ser analisadas com extremo cuidado. É impossível de garantir que todas as variantes conhecidas sejam autênticas.

fotografia
(real grosso “alfo” e real grosso castelo e leão)
RUI MONTEIRO

fotografia
(real grosso falso “alfo” - exemplar 1)
PAULO ALVES

imagem
(real grosso falso “alfo” - exemplar 2,
exemplar falso castela e leão)
in **Fórum do Numismatas**

design
LEANDRO MACHADO

ilustrações
LEANDRO MACHADO

pesquisa e análise
PAULO ALVES, LEANDRO MACHADO

texto
(introdução, real grosso, real grosso castela e leão)
PAULO ALVES

referências

- Aragão, A.** (1875). Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal. Imprensa Nacional
- Gomes, C.** (2006). Moedas com História. Banco de Portugal
- Marques, M.** (1996). História da moeda medieval portuguesa, Câmara Municipal de Sintra
- Marques, M., M. Araújo e J. Cabral** (1985). Metrologia das moedas emitidas por D. Afonso V de Portugal na qualidade de rei de Castela e Leão. Actas do III Congresso Nacional de Numismática, Lisboa
- Reis, P. B.** (1933). Moedas de Toro: estudo das moedas d'El-Rei D. Afonso V que têm as armas de Portugal, Castela, e Leão. Oficinas da Casa da Moeda

um trabalho de
“MOEDAS À FALTA DE MELHOR”